

# UM PARALELO ENTRE OS PRODUTORES DE FRUTAS DO POLO PETROLINA-JUAZEIRO COM OS FRUTICULTORES DE TODA A ÁREA DE ATUAÇÃO DO BNB

AUGUSTO CÉSAR DE OLIVEIRA<sup>1</sup>  
SÉRGIO MAIA DE FARIAS FILHO<sup>2</sup>

## Resumo

Na região Semiárida do Nordeste se encontram as melhores condições para a exploração da fruticultura irrigada. O principal polo de produção de frutas dessa região é o perímetro irrigado de Petrolina-Juazeiro, mas o Nordeste conta ainda com outras localidades onde se pratica a fruticultura irrigada e de sequeiro, totalizando 16 polos produtores de frutas. Esse trabalho foi realizado com o objetivo de isolar os resultados do levantamento realizado no polo Petrolina-Juazeiro e traçar um comparativo entre as condições de atuação desses produtores e as mesmas condições entre os produtores da amostra total dos outros polos do Nordeste. Foi utilizada uma base de dados obtida por um modelo de amostragem probabilística aleatória simples, aplicado em 90% das áreas de maior concentração de fruticultura de toda a região Nordeste. As análises confirmam a hipótese de que as condições materiais e de conhecimento dos fruticultores, bem como a sua integração com os meios agroecológico e socioeconômico estão fortemente correlacionadas com os resultados por eles obtidos. Os fruticultores que apresentaram melhor desempenho contam com uma base material superior à dos

demais, têm uma maior dotação de conhecimento formal, contam com uma assistência técnica mais assídua e sabem buscar melhor as informações. Os resultados reforçam a importância da dotação de capital físico para uma fruticultura de sucesso e ainda que o fortalecimento do capital humano, na forma de educação voltada para a produção, a comercialização e a gestão da propriedade deveria ter tanta importância quanto o capital físico.

**Palavras-chaves:** Fruticultura. Irrigação. Desenvolvimento. Nordeste.

## Abstract

Brazilian's Northeast semi-arid region presents the best conditions for the exploitation of irrigated orchards. The main center for fruit production is the Petrolina-Juazeiro surrounding region, but the Northeast also has other locations where the fruits are grown, irrigated or not, totaling 16 clusters of fruit producers. This work aimed to isolate the results of the survey applied to Petrolina-Juazeiro center and to draw

a comparison between the working conditions of these producers and the same conditions among producers of other Northeast centers. A database obtained by a probabilistic model of random sampling was used. The tests confirmed the hypothesis that material conditions, the farmers knowledge, and their integration with the socioeconomic agroecological environment are strongly correlated with the results obtained by them. Farmers with better performance had a superior material basis, a more formal appropriation of knowledge, more frequent technical assistance and more information. The results emphasize the importance of the capital appropriation for the success of fruit growing, and also that the strengthening of human capital in the form of education geared to production, marketing and proper management should have as much importance as physical capital.

**Key words:** Fruits. Irrigation. Development. Northeast.

**JEL:**

- <sup>1</sup> PhD em Economia pela Vanderbilt University - USA. Professor Titular do Mestrado Profissional em Gestão Empresarial da Faculdade Boa Viagem - FBV/DeVry Brasil
- <sup>2</sup> Mestre em Gestão Empresarial pela Faculdade Boa Viagem - FBV/DeVry Brasil



## 1 Introdução

No Brasil existem várias cadeias do agronegócio, dentre elas a frutícola, que por tempos não havia sido explorada de forma a buscar meios alternativos para a obtenção de lucros. No entanto este constitui um dos setores de maior potencial para o agronegócio brasileiro.

A fruticultura contribui de quatro maneiras importantes para o crescimento da economia brasileira. Primeira, é fonte de alimentação. Segunda, é geradora de emprego para a população. Se considerarmos que cada hectare plantado com fruticultura gera em média dois empregos diretos e que o Brasil tem uma área plantada com fruticultura em torno de 2,8 milhões de hectares, chega-se facilmente à estimativa de 6 milhões de empregos diretos gerados dentro da fazenda. Isso sem levar em consideração outros tantos empregos indiretos que são gerados antes e depois da porteira. Terceira, é geradora de divisas. Somente com as exportações de suco de laranja o País consegue divisas da ordem de 2 bilhões de dólares e outros 900 milhões com as exportações de frutas frescas e secas. Quarta, o valor da produção da fruticultura é superior a 10 bilhões de reais anuais.

O Nordeste possui excelentes condições de clima e solo para produção de frutas tropicais, além de localização estratégica para os grandes centros consumidores mundiais de frutas frescas. O clima no Nordeste, especialmente no Semiárido, possibilita a produção de um leque variado de espécies vegetais tropicais, algumas delas proporcionando mais de uma safra por ano. A atividade tem sido desenvolvida com o apoio de ações proporcionadas por uma visão estratégica governamental associada à atração de capitais privados nacionais e externos.

A fruticultura é uma atividade dinâmica e de forte potencial de crescimento, podendo ser um dos grandes vetores da reversão do

“

*Vale ressaltar ainda que grande parte da produção brasileira e nordestina de frutas é destinada ao mercado interno, de forma que há ainda um grande potencial de mercado de frutas tropicais a ser explorado.*

”

quadro de dificuldades socioeconômicas do Semiárido nordestino. Vale ressaltar ainda que grande parte da produção brasileira e nordestina de frutas é destinada ao mercado interno, de forma que há ainda um grande potencial de mercado de frutas tropicais a ser explorado. O mercado externo consumidor de frutas é promissor, no entanto, a cada dia é mais exigente.

No que se refere às exportações, o Vale do Submédio São Francisco – mais precisamente o Polo Petrolina-Juazeiro, formado pelas cidades de Petrolina, Santa Maria de Boa Vista, Lagoa Grande e Orocó, em Pernambuco, além de Juazeiro, Curaçá, Casa Nova e Sobradinho, na Bahia – é o principal centro de produção e exportação de frutas tropicais do Semiárido Nordeste e do País, responsável por cerca de 92% das exportações de uva e de manga do País, de acordo com dados da VALEXPORT (2007).

Nesse Polo encontra-se o maior exemplo de desenvolvimento agrí-

cola em bases irrigadas do Nordeste, onde a Codevasf já implantou cerca de 100 mil ha irrigados. Estima-se em 1 bilhão de reais o valor da produção de frutas na região (CODEVASF, 2006). Além de disponibilizar alimentos, o Polo frutícola Petrolina-Juazeiro é um importante gerador de divisas para o Nordeste, contribuindo para a geração de empregos e renda não só no setor primário, mas também através das amplas ligações com outros setores da economia, produzindo efeitos socioeconômicos positivos sobre a população.

O Banco do Nordeste do Brasil (BNB), através do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE), realizou em 2004/2005, um profundo estudo sobre a fruticultura da Região Nordeste, tomando como ponto de partida a base de clientes do Banco. Nesse estudo, foram identificados os principais polos de concentração da produção das frutas mencionadas, chegando-se a um conjunto de 16 sub-regiões de produção, entre elas o Polo Petrolina-Juazeiro. Os fruticultores foram divididos, nesta pesquisa, em três grupos: Grupo A – agregando fruticultores que apresentavam características produtivas mais positivas; o Grupo C – agregando fruticultores que abandonaram a fruticultura, os que abandonaram a atividade rural e os que apresentaram características produtivas abaixo da média; e o Grupo B – agregando produtores estabelecidos entre os dois extremos, A e C.

O que chama a atenção é um aparente paradoxo representado pelo fato de que o polo produtivo Petrolina-Juazeiro, aparentemente tão eficiente em relação aos demais, figura entre os três piores polos, quando a questão é o percentual de produtores rurais que se encontram num grupo de produção abaixo da média (Grupo C), conforme pode ser visto na Tabela 1 a seguir:

**TABELA 1 – Distribuição espacial dos grupos de fruticultores da região de atuação do BNB (%)**

ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Grupo A	Grupo B	Grupo C
Petrolina-Juazeiro (PE/BA)	4,84	5,59	3,91
Norte de Minas Gerais (MG)	3,17	2,79	9,31
Sul de Sergipe (SE/BA)	3,17	2,98	5,96
Açu-Mossoró (RN)	2,42	2,79	1,12
Guanambi (BA)	1,68	1,68	0,74
Sapé (PB/PE)	1,47	5,03	1,12
São Domingos (MA)	1,3	0,93	1,31
Barreiras (BA)	1,3	1,49	0,56
Cruz das Almas (BA)	0,93	0,93	3,35
Cariri Cearense (CE)	0,75	0,74	2,8
Baixo Jaguaribe (CE)	0,56	1,68	2,22
Ibiapaba (CE)	0,56	0,74	2,05
Teresina (PI)	0,19	0,76	1,86
Alto Piranhas (PB)	0,19	1,49	1,67
Acaraú-Curu (CE)	0	1,49	2,8
Baixo São Francisco (AL/SE)	0	2,42	3,16
<b>Total</b>	<b>22,53</b>	<b>22,53</b>	<b>43,94</b>

Fonte: Santos et al., 2006

Assim, o propósito deste trabalho consiste em investigar a razão do aparente paradoxo verificado no polo produtivo Petrolina-Juazeiro. Para tanto, busca-se apresentar uma análise comparativa dos fruticultores do Polo Petrolina-Juazeiro e identificar as principais características que fazem com que esse polo se destaque como o mais dinâmico da Região – apresentando o maior número de produtores que apresentam desempenho acima da média (Grupo A), em comparação aos fruticultores dos demais polos encontrados na pesquisa do BNB/ETENE (2006), e, por outro lado, identificar os motivos que fazem com que um polo dinâmico e competitivo apresente uma quantidade representativa de produtores com baixo desempenho (Grupo C).

## 2 Revisão da literatura sobre o Polo Petrolina-Juazeiro

O processo de produção de frutas no polo iniciou-se de forma lenta nos

anos 70 e ganhou nova dinâmica com a implantação dos projetos de irrigação conduzidos pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF), sob a orientação do Governo Federal. Esses investimentos permitiram que o polo atingisse um crescimento da ordem de 286% em sua área de exploração, no período compreendido entre 1970 e 1990, segundo Lima e Miranda (2001).

Como política pública, a irrigação começa a aparecer nos trabalhos do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), com a lembrança da possibilidade de utilização da faixa irrigável do São Francisco, favorecendo a elevação da oferta de alimentos, além da absorção de populações excedentes de outras zonas, para colonização e trabalho na região (GTDN, 1959).

Os trabalhos de Sampaio, Ferreira, Irmão e Gomes (1994), constatarem a existência de poucos avanços por ocasião da preparação do I Plano

Diretor da SUDENE (1961-63), tendo sido incorporada linha de ação específica para a irrigação do Submédio São Francisco somente quando do II Plano Diretor (1963-65). Com os resultados dessa experiência, os autores relatam que no III Plano Diretor (1966-68), ficou estabelecido como objetivo implantar a irrigação, em larga escala, no Submédio São Francisco. O início da irrigação viria a ser consolidado somente com o Grupo Executivo de Irrigação para o Desenvolvimento Agrícola (GEIDA), em perímetros públicos e propriedades privadas, a partir de 1968.

No período entre 1968 e 1998 ocorre uma verdadeira transformação no polo, provocada pela irrigação. Em 1968 inicia-se o assentamento de colonos nos projetos Mandacaru e Bebedouro. Em 1982, após o aprendizado com as experiências anteriores, tem início a implantação dos projetos Curaçá e Maniçoba. Em 1984 é a vez da implantação do projeto Nilo Coelho, atualmente o maior projeto de irrigação desse polo produtivo.

Nesse período intermediário foram publicados vários estudos sobre agricultura irrigada, exploração da fruticultura no Polo Petrolina-Juazeiro e os seus efeitos sobre a população e o meio ambiente, ao longo das duas últimas décadas. Os trabalhos de Oliveira *et al* (1991) destacam principalmente os impactos sócio-econômicos provocados pela irrigação, enfatizando questões relacionadas com a geração de emprego e renda. Já Cavalcante (1997) e Carvalho (1988, 1997), se detêm também sobre a análise de questões sócio-ambientais.

Quando da implantação dos perímetros irrigados em Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), a partir de 1968 (Perímetro Irrigado de Bebedouro), as culturas mais exploradas eram as ditas anuais (cebola, feijão, tomate, melão e melancia). A década de noventa foi marcada, no polo, por uma mudança da agricultura em área irrigada. Em particular, assistiu-se a uma

dinâmica de especialização regional na fruticultura perene irrigada. Na comparação entre 1991 e 1997, consta que, em seis anos, a área explorada com fruticultura perene passou de 14% para 47% das áreas irrigáveis totais (MARINOZZI; CORREIA, 1999).

Segundo Fayet (2001), a fruticultura tem uma perspectiva de mercado muito mais favorável do que os grãos, por exemplo, tanto no País (mercado interno) como no mercado de exportação (mercado internacional).

Em virtude da diversidade climática e das novas tecnologias existentes no Brasil, é possível produzir praticamente o ano inteiro, o que não ocorre nas principais regiões fruticultoras do mundo. A fruticultura demanda mão de obra intensiva e qualificada, fixando o homem no campo e, na maioria dos casos, permite boas condições de vida para uma família que tenha pequena área agrícola.

O Vale do São Francisco é, na atualidade, uma das regiões agrícolas mais dinâmicas do Nordeste brasileiro. Esse lugar de destaque na economia deve-se originalmente ao forte apoio recebido do Estado, a partir dos anos 70, por meio de seus projetos de desenvolvimento referentes à introdução de esquemas de irrigação estimulados pelo potencial hidroelétrico oferecido pela construção da barragem de Sobradinho e às características de sua inserção nos mercados interno e internacional (CAVALCANTI, 1997).

Dos estudos mais recentes, podem ser destacados alguns trabalhos que contribuem para o entendimento do processo de desenvolvimento desse polo agrícola. Já Lima e Miranda (2001) abordam questões ligadas à competitividade da produção agrícola dessa região, enfatizando os efeitos da incorporação de avanços tecnológicos pelos produtores sobre a geração de renda e emprego.

A fruticultura no vale do São Francisco tem experimentado, nos últimos anos, um vertiginoso crescimento. A área plantada supera os

100 mil hectares, incluindo as áreas privadas e os perímetros públicos de irrigação da CODEVASF. No período 2003-2005 apresentou um crescimento médio de 9 mil hectares /ano (CODEVASF, 2006).

Apesar da significativa contribuição da fruticultura irrigada para o PIB do setor primário, de ser uma atividade importante na geração de emprego e renda e de aumentar substancialmente a produtividade dos fatores terra e trabalho, há necessidade de melhoria em diversos aspectos tais como, eficiência de utilização de água, capacitação da mão de obra, integração dos projetos com as cadeias produtivas e planejamento da produção de acordo com a evolução dos mercados. As dificuldades pelas quais passam os produtores nordestinos de algumas espécies frutícolas, a exemplo da manga, se devem em parte ao crescimento da atividade sem um planejamento eficiente. Por causa da grande oferta mundial, essa cultura já apresenta forte depressão dos preços, agravada pela crise econômica mundial (2008-2012). A diversificação das espécies e cultivares explorados são uma solução apontada para minimizar os riscos inerentes ao mercado, em especial, ao externo.

### 3 Metodologia

A metodologia utilizada no presente trabalho, numa primeira etapa, constou de revisão do material bibliográfico disponível na literatura a respeito do tema proposto. A segunda etapa foi realizada através da análise de dados com características e fatores de produção dos fruticultores localizados no Polo Petrolina-Juazeiro e demais regiões produtoras de frutas do Nordeste. Os principais dados foram obtidos no ETENE, que realizou pesquisa de campo com aplicação de questionário entre os fruticultores da área de atuação do BNB.

A base de dados a ser analisada nesta pesquisa foi obtida por amostragem. Adotou-se como método

de coleta de dados um modelo de amostragem probabilística aleatória simples, aplicado para 90,0% das áreas de maior concentração de fruticultura de toda a região Nordeste (SANTOS et al., 2007).

O universo de produtores do Polo Petrolina-Juazeiro, um dos componentes dos 16 grupos estudados, compreendeu um conjunto de 2.916 fruticultores clientes do BNB. A amostra selecionada foi composta por 77 produtores estando nela representadas cerca de 68,3% do universo dos produtores de grandes porte, 34% dos produtores dos médio produtores e 1,55% dos produtores de mini e pequeno portes. Para obtenção dos dados dos produtores, foi utilizado um questionário composto por um conjunto de 145 perguntas.

A diversidade de situações identificada nos levantamentos realizados em todos os polos, deixou claro que seria pouco útil desenhar, ao final da pesquisa, um perfil médio ou modal do fruticultor. Daí haver-se decidido pela divisão dos fruticultores em três grandes grupos ou categorias, representativos de situações acima da média (Grupo A), na média (Grupo B) e abaixo da média (Grupo C), a partir do atendimento de um conjunto de características pré-estabelecidas.

Feita essa opção, o trabalho foi dividido em duas etapas. Na primeira etapa os produtores foram separados em dois grupos, relacionados com a consolidação das atividades. Um primeiro grupo (desejável) composto por produtores com atividades consolidadas, e um segundo de produtores não consolidados (situação não desejável), considerando aqueles produtores que abandonaram suas atividades agrícolas.

A segunda etapa consistiu no estabelecimento de quatro atributos relacionados com resultados da atividade, na forma abaixo:

a) atributo 1 – obtenção de receitas iguais ou superiores às projetadas (situação desejável);

b) atributo 2 – obtenção de produtividades agrícolas iguais ou supe-

riores aos níveis projetados (situação desejável). O complemento das situações 1 e 2, obviamente, constituem-se nas situações indesejáveis;

c) atributo 3 – situação das operações de crédito “em ser” (operações ainda não liquidadas) junto ao BNB classificada como normal (situação desejável), em atraso (situação intermediária) e em prejuízo (situação indesejável).

d) atributo 4 – participação das receitas geradas com a atividade na receita total dos entrevistados, onde receitas maiores ou iguais a 70% representam a situação desejável, e menores ou iguais a 30%, a indesejável.

Com base nesses critérios, os fruticultores de atividade consolidada (ou seja, que permaneciam com a fruticultura) foram separados nos três grupos (A, B, C); sendo que o Grupo A apresenta 3 ou 4 indicadores desejáveis; o Grupo B, dois; e o Grupo C, apenas um (SANTOS et al, 2006). Posteriormente foram adicionados ao grupo C os fruticultores que abandonaram a fruticultura, mas que continuavam explorando outras atividades agropecuárias, bem como aquele grupo que abandonou as atividades rurais.

Esta pesquisa somente fará referência à análise das características dos fruticultores dos grupos extremos (A e C), para compreender melhor que fatores vêm contribuindo para essa diferenciação.

Os fatores explicativos do desempenho dos fruticultores dos grupos A e C foram analisados mediante a adoção da abordagem utilizada por Alves (2005). Acrescente-se que referida metodologia foi também vista na análise do conjunto de polos frutícolas nordestinos, realizada por (SANTOS et al., 2007).

A abordagem da autora – Alves (2005) estabelece uma separação dos agricultores em categorias sociais e econômicas em função das bases material e conceitual de que dispõem, bem assim em função da integração dessas bases com os meios agroecológico e socioeconômico.

#### 4 Análise dos resultados

Conforme pode ser notado na Tabela 2 abaixo, em comparação com a proporção dos produtores dos Grupos A e C dos demais grupos de produtores do estudo, o polo Petrolina Juazeiro, apresenta-se com a maior proporção de produtores no Grupo A, aparecendo o grupo C com percentual inferior aos demais.

**TABELA 2 - Classificação dos produtores em termos relativos**

Grupo	Toda a região	Polo Petrolina-Juazeiro (%)
A	22,53%	29,87%
B	33,52%	41,56%
C	43,95%	28,57%

Fonte: Pesquisa Autor e SANTOS et al., 2007 (BNB - ETENE)

A primeira constatação apresenta-se normal, considerando a expectativa de que os produtores desse importante polo estejam realmente entre os de melhores condições. O que se apresenta, a princípio, como anormal é esse mesmo polo, do ponto de vista relativo, apresentar-se também como destaque em proporção de produtores do Grupo C.

Para dar continuidade à análise comparativa proposta, as manifestações das condições de bases material e conceitual e de integração com os meios agroecológicos e socioeconômicos serão analisadas a seguir.

#### 4.1 Variáveis de base material

A tabela 3 abaixo demonstra as principais variáveis de base material estudadas. A base material, refere-se a quantidade e a qualidade da terra e dos meios de produção.

**Tabela 3- Resumo das variáveis materiais estudadas**

Variáveis de base material	Polo		Região NE	
	Grupo A	Grupo C	Grupo A	Grupo C
Natureza jurídica dos fruticultores – Pessoa Física	65,22%	86,86%	84,40%	94,50%
Natureza jurídica dos fruticultores – Pessoa Jurídica	30,43%	13,64%	11,60%	5,50%
Categoria do produtor – Mini e pequeno	34,78%	68,18%	57,85%	85,17%
Categoria do produtor – Média e grande	65,22%	31,82%	42,15%	14,83%
Tamanho da área explorada com fruticultura – de 0 – 20ha	34,79%	63,59%	52,80%	80,50%
Tamanho da área explorada com fruticultura – acima de 20ha	65,21%	36,41%	47,20%	19,50%
Tipologia da Fruticultura – Irrigado	100,00%	100,00%	73,00%	64,00%
Tecnologia adotada – Moderna e avançada	91,30%	63,60%	72,70%	39,40%
Exploração exclusiva da fruticultura	60,00%	84,20%	0,00%	0,00%

Fonte: Pesquisa Autor

É esperado que entre as pessoas jurídicas estejam presentes as melhores disponibilidades de capital e organização, essenciais para a prática mais eficiente das atividades produtivas. No polo, ainda predominam os produtores caracterizados como pessoa física, mesmo dentro do Grupo A (65,22%).

Verifica-se entretanto que o Grupo A do polo apresenta maior participação de firmas, chegando a cerca de 30,14% dos produtores, percentual elevado frente aos 11,6% verificados entre os produtores deste grupo para todo o Nordeste.

Também entre os produtores do grupo C há uma maior proporção de pessoas jurídicas entre os produtores do polo (13,64%), em relação a toda a região (5,5%), mas a diferença equivale a menos da metade da diferença, em termos percentuais, constatada entre os produtores do Grupo A.

Outra variável apontada pela literatura como uma causa de diferenciação é o porte dos produtores (SANTOS et al., 2007). Considera-se que os produtores de maior porte contariam com melhores bases material, aumentando as condições de acesso também a uma base conceitual superior. Assim, é esperado que entre os grandes produtores sejam atingidos melhores resultados da exploração, principalmente através dos ganhos de escala produtiva e comercial.

Para classificar os fruticultores de acordo com o porte, foi utilizada a classificação a estabelecida pelo BNB que diferencia o produtor em função da receita bruta anual, como segue: miniprodutor (quando a renda agropecuária bruta anual média for igual ou inferior a R\$ 150.000,00 e representar, no mínimo, 80% das receitas totais); pequeno produtor (quando a renda agropecuária bruta anual média for superior a R\$ 150.000,00 e igual ou inferior a R\$ 300.000,00 e representar, no mínimo, 70% das receitas totais); médio produtor (quando a renda agropecuária bruta anual média for superior a R\$ 300.000,00 e igual ou inferior a R\$ 1.900.000,00 e representar, no mínimo, 60% das receitas totais); grande produtor (quando a renda agropecuária bruta anual média for superior a R\$ 1.900.000,00).

Pôde-se verificar que no Grupo A, a participação de produtores de grande porte é bastante superior no

polo - o que confirmaria o pressuposto levantado anteriormente. No entanto, também entre os produtores de grande porte do Grupo C (menos eficientes), há uma maior participação de produtores do polo (cerca de 21%), em relação a toda a região (cerca de 6%).

No Grupo C, a forte presença de micro, mini ou pequenos produtores é verificada no polo, como ocorre em todo o Nordeste. Contudo, vale observar que, no polo, quase 31,82% dos classificados nesse grupo são grandes e médios produtores (no Nordeste, esse percentual é de apenas 14,83%).

Além dos fatores citados, para o sucesso do empreendimento agrícola, deve-se considerar também o módulo mínimo da área explorada, que deveria atender as condições básicas de permitir a ocupação e remunerar o trabalho da família com renda suficiente para melhorar sua vida. Considera-se que a possibilidade de sucesso na fruticultura aumenta na medida em que aumenta a área cultivada pelo produtor, haja vista a expectativa de geração de mais receitas, economias de escala e formação de excedente para o mercado.

No polo, a predominância no grupo A de fruticultores com áreas superiores a 20ha (65,21%) e a predominância no grupo C de fruticultores com áreas inferiores a 20ha explorada com fruticultura (63,59%) confirmam plenamente que esses são fatores extremamente correlacionados com o desempenho da fruticultura. No que se refere à região Nordeste como um todo, ainda nesta questão, observa-se que no Grupo A existe uma menor concentração de produtores com áreas maiores que 20ha (47,21%), o que destoa do Grupo A no polo; também aqui, no Grupo, C a concentração de propriedades com menos que 20ha é maior (80,5%).

Entre os produtores do Grupo C, aqueles considerados como de menor eficiência, verifica-se uma maior proporção de produtores que exploram propriedades menores en-

tre aqueles do polo comparando-se com a região Nordeste, indicando que a pequena propriedade seria explorada de forma mais ineficiente do polo do que na região nordeste como um todo.

Vale ressaltar ainda que quase não há diferenciação entre as condições de ocupação das unidades produtivas entre grupos, quando se comparam os produtores da região como um todo com os produtores apenas do Polo Petrolina-Juazeiro, a não ser pela maior concentração de irrigantes de projetos públicos entre os produtores do polo.

A prática da irrigação constitui-se uma variável de sucesso para fruticultura regional, constatada a irregularidade e a má distribuição das chuvas, o que torna a agricultura de sequeiro muito mais vulnerável. Todos os entrevistados da amostra no polo utilizam a prática de irrigação, resultado diferente do encontrado para todo o Nordeste. Mesmo assim, de um modo geral, a prática da irrigação constitui uma das variáveis responsáveis pelo êxito da fruticultura no Nordeste, uma vez que 73% dos fruticultores do grupo A utilizam um ou mais métodos de irrigação, contra 64% no grupo C.

A existência de cerca de 27% de fruticultores do grupo A da Região Nordeste que tem a fruticultura de sequeiro como única atividade econômica significa dizer que, no Nordeste, existem áreas com vocação para espécies frutícolas sem a adoção da prática da irrigação, a exemplo do litoral, Zona da Mata, inclusive o Recôncavo Baiano e o Extremo Sul da Bahia e as serras úmidas nordestinas.

É necessário ainda, ao falar sobre as bases materiais da fruticultura nordestina, referir-se às tecnologias. A classificação do fruticultor nordestino, quanto ao nível tecnológico, foi baseada na quantidade de técnicas utilizadas, dentro de 41 possibilidades ressaltadas no questionário, obedecendo à seguinte escala: até 10 técnicas, nível tradicional; entre 10 e

20, moderna; acima de 20 técnicas, nível tecnológico avançado.

No grupo C, do polo, verifica-se um equilíbrio entre as classes de tecnologias adotadas (cada uma com cerca de 30%). No grupo A é possível identificar uma maior presença de propriedades com uso de tecnologia moderna e avançada (91,3%) o que demonstra a importância da adoção de tecnologias para o sucesso da fruticultura.

Utilizando-se da mesma metodologia de classificação do estudo aplicado ao Nordeste, verifica-se que os produtores do polo têm nível tecnológico elevado (moderno ou avançado) frente à média do Nordeste – diferença de 18,6% no Grupo A e 24,2% no Grupo C. Também é verificado que irrigantes com técnicas tradicionais têm maior participação no Grupo C no Nordeste como um todo.

Por fim, é importante observar o exercício de alguma atividade não agrícola pelos produtores. Teoricamente, essas atividades podem influenciar de forma positiva a exploração da fruticultura, considerando a possibilidade de que os produtores possam vir a aportar recursos de outras fontes às suas atividades produtivas ou obter conhecimento com experiências gerenciais. Entretanto, os resultados dessa pesquisa contradizem essa hipótese e apontam que um dos grandes diferenciais do Polo Petrolina-Juazeiro está no não exercício de outras atividades além da atividade agrícola. Enquanto no Nordeste todos os respondentes exerciam alguma outra atividade, no Polo, 60% dos membros do grupo A se dedicam apenas à fruticultura e no Grupo C, 84,2% estão nessa situação.

#### 4.2 Condições de Base Conceitual

A Tabela 4 abaixo demonstra as principais condições de base conceitual estudadas. A base conceitual, refere-se ao conhecimento, técnicas e volume de informações acumuladas pelo produtor.

Tabela 4- Resumo das variáveis de base conceitual estudadas

Variáveis de base conceitual	Polo		Região NE	
	Grupo A	Grupo C	Grupo A	Grupo C
Grau de instrução do fruticultor (pessoa física) - Não alfabetizado	13,04%	18,1%	14%	26%
Grau de instrução do fruticultor (pessoa física)- Curso Superior	33,1%	17,5%	21,9%	9,1%
Experiência com a fruticultura - até 10 anos	30,43%	50,04%	54,55%	58,05%
Tipos de sistemas de irrigação - Microaspersão	69,57%	45,45%	72,73%	54,97%
Acesso à assistência técnica;	95,65%	54,55%	85,12%	79,24%
Acesso à capacitação;	86,96%	59,10%	53,72%	32,63%

Fonte: Pesquisa Autor

A fruticultura, como atividade altamente competitiva no mercado internacional, não admite improvisação, nem amadorismo. Precisa desenvolver-se com sustentabilidade, profissionalismo e muita competência, apoiando-se no conhecimento, nas informações de mercado, nas tecnologias inovadoras e na gestão profissional.

O grau de instrução é uma das principais variáveis de sucesso da fruticultura nordestina, por ser voltada para um mercado de elevada competição em termos de qualidade, preço e regularidade na oferta. Como esperado, nos polos, de forma não divergente do que ocorre em todo o Nordeste, os classificados no Grupo A apresentam formação mais elevada que os integrantes do Grupo C, o que demonstra a importância da educação no sucesso da atividade, mesmo que essa formação superior não esteja relacionada com as ciências agrárias.

Numa comparação entre a região Nordeste e o polo se verifica que os fruticultores do polo apresentam uma melhor qualificação. No polo, cerca de 33% fizeram um curso superior, no Grupo A, enquanto 17% fizeram um curso superior no Grupo C. No Nordeste, por sua vez, cursos superiores foram feitos por cerca de apenas 21% do grupo A e 8% do grupo C. Observa-se, portanto, o fato de que muitos dos produtores do

Vale do São Francisco são oriundos de grandes centros (Recife, Salvador e Sul do País) cuja média apresenta um nível satisfatório de qualificação, o que implica ser esse um dos fatores de diferenciação ante o Nordeste como um todo.

Contrastando com esse cenário, observa-se que a maioria dos fruticultores nordestinos e a abundante mão-de-obra utilizada na atividade frutícola são constituídas por analfabetos ou pessoas de baixo nível de instrução (cf. Tabela 4) sem qualificação suficiente para utilizar com eficiência as informações técnicas de produto, processo, ambientais, mercadológicas, organizacionais e de gestão.

A maturidade do fruticultor depende do tempo em que ele vem explorando a fruticultura. De fato, a experiência com a fruticultura representa um indicador que, em parte, pode suprir o baixo nível educacional do fruticultor, além de ser importante para compensar parcialmente deficiências da assistência técnica de terceiros. Os resultados indicam uma maior quantidade de fruticultores com maior tempo de experiência no grupo A quando comparado com o grupo C. Diferentemente do verificado no Nordeste, é mais amplo o percentual de participação de produtores com mais de 11 anos no Grupo A exercendo a fruticultura no Polo, que chega a quase 70%, enquanto no Nordeste é de cerca de 45%.

“

***Vale ressaltar ainda que grande parte da produção brasileira e nordestina de frutas é destinada ao mercado interno, de forma que há ainda um grande potencial de mercado de frutas tropicais a ser explorado.***

”

As bases técnicas são necessárias, por exemplo, para que a irrigação possa ser feita de maneira correta. A aplicação de água deve ser feita na quantidade certa e no momento exato. A aplicação indiscriminada de água, sem bases técnicas, leva a perdas desnecessárias de água e energia, resultando em gastos e ao mesmo tempo contribuindo para a degradação ambiental.

Constatou-se que no polo, sistemas localizados de irrigação, que são mais eficientes, como é o caso da *microaspersão*, são amplamente utilizados por integrantes do Grupo A (69,57%), em segundo lugar, os dados da pesquisa apontaram para o *gotejamento*. O mesmo não é verificado para produtores do Grupo C, com amplo percentual de utilização de sistemas defasados, como o caso do sulco, e com um baixo percentual de utilização da *microaspersão* (45,4%).

No comparativo entre os fruticultores do Grupo A, não se verifica grandes diferenças entre o polo e o Nordeste (ambos utilizam predominantemente a *microaspersão*). No Grupo C, uma diferença marcante

é o uso da irrigação por sulco entre os produtores do polo, frente aos do Nordeste, que utilizam a *microaspersão* num índice bem mais elevado (diferença de quase 10 pontos percentuais).

Apoiando-se, portanto, nas vantagens técnico-econômicas dos sistemas de irrigação existentes no mercado, nota-se, uma predominância da *microaspersão* nos pomares dos fruticultores nordestinos dos dois grupos de fruticultores (A e C). Contudo, observa-se que a utilização da *microaspersão* é 18 pontos percentuais maior no grupo dos produtores de melhores resultados. Se considerarmos, conjuntamente, os dois sistemas mais economizadores de água – *microaspersão* e *gotejamento* – a sua presença é mais significativa no grupo A.

Observa-se, assim, uma tendência dos fruticultores do grupo A na utilização de sistemas de irrigação mais modernos existentes no mercado, principalmente entre aqueles com elevado nível de instrução e com mais facilidade de acesso às informações tecnológicas e ao crédito, resultando, portanto, em maiores possibilidades de sucesso na atividade.

No que diz respeito ao acesso à assistência técnica no Polo, percebe-se que esta tem composição diferente da verificada na região Nordeste, principalmente pela ampla utilização de assistência técnica própria pelos produtores (73,9% dos produtores do polo, em contraposição a 37,2% dos do Nordeste). Vale ressaltar ainda que grande parte da produção brasileira e nordestina de frutas é destinada ao mercado interno, de forma que há ainda um grande potencial de mercado de frutas tropicais a ser explorado. A natureza da assistência técnica com que contam os fruticultores nordestinos também tem um razoável poder de explicação dos resultados obtidos. Primeiramente, as parcelas sem assistência técnica em ambos os grupos se afiguram expressivas diante da importância

desse serviço. Mesmo assim, vê-se que a falta de assistência técnica é maior entre os fruticultores de pior resultado. Dentre os que contam com assistência técnica, há ainda os que usam de terceiros ou própria. Verifica-se que no Nordeste, os fruticultores do Grupo A dependem muito mais da assistência técnica de terceiros (são 41,32% contra apenas 13,04% do Polo), tendo como principal instituição o serviço estadual de extensão rural. Na medida em que o fruticultor contar com assistência técnica própria, elevam-se as chances de sucesso dos indicadores satisfatórios na fruticultura. Evidentemente, essa análise não pode ser isolada de outros fatores explicativos: contar com assistência própria significa ter condições de pagá-la, o que, por si só, já é um indicativo dos resultados que vêm sendo obtidos.

Pode-se dizer ainda que a via natural para a ocorrência de mudanças ou inovações na conduta e a inserção do fruticultor nordestino no mercado bastante competitivo das frutas é a educação, o treinamento e a capacitação, na medida em que a experiência por ele acumulada, por si só, está aquém da desejada.

A participação dos fruticultores em eventos contemplando aspectos de tecnologia de produção, processo, comercialização e mercado, quando devidamente estruturados, podem contribuir, sobremaneira, para elevar o nível das tecnologias, além de gerar sinergia entre as diversas experiências envolvidas na cadeia produtiva de frutas.

É notável a maior participação dos produtores do polo em cursos e eventos associados à fruticultura, quando comparada com a região Nordeste. Assim, por exemplo, enquanto 86,96% dos fruticultores do Grupo A do polo têm acesso à capacitação, apenas 53,72% do Grupo A do Nordeste fazem o mesmo. Também se verifica que os componentes do Grupo A investem mais neste tipo de conhecimento quando comparado com o Grupo C. Enquanto 86,96% do

Grupo A do polo participam de seminários, apenas 59,1% do Grupo C fazem o mesmo e no Grupo C do Nordeste, 32,6%.

A sustentabilidade e a competitividade mercadológica da fruticultura nordestina, a exemplo das demais atividades econômicas, serão decididas nas áreas da tecnologia de produção, processo e gestão, assistência técnica com qualidade e capacitação de recursos humanos focada, portando, na visão sistêmica do agronegócio de cada fruta. Desta forma, além dos fatores citados, torna-se relevante entender como se dão os investimentos em pesquisa.

A existência de um centro de pesquisa instalado no município/ região não significa que os problemas inerentes à cadeia de produção das frutas sejam solucionados com tempestividade. Convém, ainda, levar em consideração a disponibilidade (por parte da instituição de pesquisa) de recursos financeiros suficientes, adequados e oportunos, além da quantidade e qualidade da equipe de pesquisadores.

### 2.3 Variáveis de integração com os meios agroecológico e socioeconômico

A Tabela 5 abaixo mostra um resumo das variáveis de integração estudadas nesta pesquisa. As diferentes formas de integração com o meio agroecológico e socioeconômico com o qual são estabelecidas as condições de produção, independente do porte e da localização dos produtores, são importantes para caracterizar a atividade e como ela vem sendo conduzida pelos agricultores.

Tabela 5 - Resumo das variáveis de integração agroecológicas e sociais

Variáveis de forma de integração agroecológicas e sociais	Polo		Região NE	
	Grupo A	Grupo C	Grupo A	Grupo C
Produção de apenas uma fruta	51,24%	30,43%	51,27%	27,27%
Uso de agrotóxico com receituário	95,65%	72,73%	82,30%	50,06%
Organização social na produção de frutas;	47,83%	72,73%	64,46%	29,90%
Financiamento (custeio/ investimento) no BNB;	91,30%	100,00%	88,43%	96,19%
Financiamento (investimento) no BNB;	95,65%	90,91%	59,59%	64,44%
Produtores com dificuldades em amortizar financiamentos	34,78%	95,45%	28,93%	83,90%

Fonte: Pesquisa Autores

A despeito do potencial da fruticultura do Nordeste em diversificar as suas culturas, constata-se que a banana e a manga são as culturas que apresentam maiores áreas de produção. Esse é um fator que causa preocupação, tanto em face da dimensão atual da área cultivada, como também pela oferta de grandes volumes que, na maioria das vezes, são maiores que a demanda existente. Ademais, convém registrar que a concentração da produção de frutas em uma única espécie frutífera é um dos fatores responsáveis pela desorganização do mercado, no tocante à oferta e demanda dessas frutas, que poderia ser viabilizada pelo estabelecimento de uma política de cotas de produção por área produtora e entre os fruticultores de uma mesma área de produção.

Por outro lado, há de ser considerado, ainda, o fato de que na cultura irrigada, podem-se controlar além das quantidades desejadas, os períodos de colheita e comercialização. Relativamente ao período de colheita, é possível evitar a oferta de produtos de forma coincidente com outros centros produ-

tivos, o que alteraria sensivelmente a expectativa de receita, pois como dito, a oferta excessiva implica na queda de preços.

A sazonalidade da produção de frutas com maior intensidade na fruticultura de sequeiro significa instabilidade nos preços, incrementos nos custos de estocagem de matérias-primas pelas agroindústrias e aumento da capacidade ociosa das unidades fabris no período de entressafra, por conseqüente, na elevação do desemprego no meio rural.

Neste contexto, a diversificação da fruticultura, principalmente usando fruteiras de famílias ou espécies diferentes, é uma prática bastante recomendada com vistas à redução da incidência de pragas e doenças e à minimização dos riscos de mercado e climático, dentre outros aspectos. Mesmo assim, no polo ainda são 29% dos fruticultores do Grupo A que cultivam apenas uma fruta, e 27% do Grupo C que se encontram na mesma situação. No que se refere ao Nordeste, aproximadamente 51% dos Grupos A e C cultivam apenas uma fruta.

Apurou-se ainda, durante a pesquisa de campo, que quase 10% dos produtores do nordeste e cerca de 4% dos produtores do polo, ambos no Grupo C, abandonaram totalmente as atividades agropecuárias ou redirecionaram seus negócios para outras explorações agrícolas, mediante a exclusão da fruticultura de suas linhas de produção.

Outro fator relevante é que o aproveitamento racional dos recursos naturais de solo, água e vegetação se apresenta como condicionante para a instauração de um processo de desenvolvimento econômico sustentável da atividade frutícola. Cada vez mais, o consumidor de alimentos processados dos Países desenvolvidos toma consciência de que esses produtos devem-se aproximar das características das frutas frescas, com menos poluentes e com menor possibilidade de desperdícios, obteníveis através da adoção de tecnologias

adequadas (CHOUDHURY, 2004). O uso de agrotóxico na produção de frutas no Nordeste apresenta uma tendência de declínio (embora ainda seja muito utilizado) por força das exigências do mercado, notadamente o externo, cujo consumidor está disposto a remunerar melhor os produtos orgânicos.

Com efeito, ficou demonstrado nas áreas de concentração de fruteiras pesquisadas que já existem produtores nos grupos A e C que não estão usando agrotóxicos nas suas fruteiras, seja porque estão produzindo frutas orgânicas, seja porque uma parcela expressiva de mini e pequenos produtores não têm recursos financeiros para adotar essa prática agrícola. Contudo, excluído esse tipo de fruticultor, o uso de agrotóxico obedecendo ao receituário agrônomo é bastante elevado, e mais ainda no grupo A se comparado ao grupo C.

No Grupo A, no Nordeste 82,30% usa agrotóxico com base no receituário, e no Polo, 95,65% desse grupo também. No Grupo C, no Nordeste 50,06% usa esse produto, e no polo o número é de 72,73%. Tais indicadores afiguram-se elevados. Porém, o cenário no médio prazo será de declínio, na medida em que for implementada a produção integrada das frutas (PIF), instrumento eficaz para minimizar o impacto ambiental e de maior controle sobre o processo produtivo, condições básicas para a certificação das frutas (SANTANA, 2004).

No comparativo Polo-Nordeste os produtores do polo, controlam mais o uso adequado de agrotóxico. Esse fato deve estar associado ao nível maior de exigência para comercialização das frutas produzidas no polo, onde parte é destinada ao mercado externo. Essa preocupação também é maior por parte do fruticultor do grupo A, tanto no polo quanto em todo Nordeste. Para ilustrar, encontrou-se 86% do Grupo A no polo fazendo anotações de controle, enquanto apenas 56% do Grupo C

**“ Outro fator relevante é organização de fruticultores, que figura como pressuposto teórico de integração dos meios agroecológico e socioeconômico e é um instrumento que permite... ”**

no polo atua da mesma forma. No caso do Nordeste, 62% do Grupo A faz essas anotações, em contrapasso com 33% do Grupo C.

Outro fator relevante é organização de fruticultores, que figura como pressuposto teórico de integração dos meios agroecológico e socioeconômico e é um instrumento que permite aos produtores de frutas encontrarem a solução de seus problemas e a satisfação de suas necessidades dos serviços básicos, especialmente quando essas dificuldades têm ordem de grandeza além da sua capacidade individual para solucioná-la.

Conforme a Tabela 5 os fruticultores do grupo A estão menos vinculados a alguma organização de produtores, contra os do grupo C. Seguindo o que ocorre na região Nordeste, o polo apresenta maior participação de componentes do Grupo C com vinculação a organizações de produtores. Apesar dos elevados índices de participação dos fruticultores do grupo C em algum tipo de organização, foi observado durante a pesquisa de campo que, na sua maioria, são associações criadas com um único objetivo: intermediar o crédito junto aos agentes financeiros, ou de forma extemporânea, possibilitar o escoamento de produtos.

As organizações dos fruticultores existentes no Nordeste, conforme nos indica a pesquisa, não se apresentam como fatores determinantes dos bons resultados dos fruticultores nordestinos. Ou, visto de outra forma, verifica-se que esses têm apresentado os piores resultados, implicando no sentimento de que os produtores que participam de associações ainda não estão prontos para o trabalho cooperado, nem tampouco os dirigentes e líderes demonstram condições de reverter essa situação extremamente negativa.

Ainda é importante ressaltar nessa sessão os agentes financeiros, que são considerados importantes parceiros do agronegócio das frutas no Nordeste, tendo como principal finalidade supri-lo com recursos financeiros adequados, suficientes e oportunos. Dentre todos os agentes de crédito, públicos e privados, que participam de forma direta e indireta (como repassadores) ao apoio financeiro tanto para a produção quanto para a comercialização, o BNB é o principal responsável pelo financiamento aos produtores do polo e da região Nordeste, liderando o ranking dentre os agentes financeiros formais e informais nos dois grupos A e C. O percentual de participação do BNB no Nordeste corresponde respectivamente a 88,4% e 96,2% do total dos fruticultores desses dois grupos; no polo corresponde a 91,3% e 100%. Pode-se perceber que relativamente aos fruticultores que detêm financiamento do BNB o Grupo C apresenta uma participação relativa maior que a do grupo A.

O Banco do Brasil aparece em segundo lugar. Neste caso, a situação é oposta, ou seja, os fruticultores nordestinos e do polo do grupo A superam os do Grupo C haja vista que o Banco do Brasil opera mais no financiamento de custeio com grandes empresas e créditos de exportação.

A visão de que os percentuais de financiamento apresentam-se muito aquém das necessidades de recursos, pode ser entendida, por um lado,

“  
**O crédito de custeio destina-se a cobrir despesas normais do ciclo produtivo. O crédito de investimento é destinado a aplicações em bens ou serviços cujo desfrute se estenda por vários períodos de produção.**  
 ”

se considerarmos, por exemplo, as agroindústrias bem estruturadas que apresentam condições de se autofinanciarem, a partir de alavancagem própria, de antecipação da comercialização ou créditos antecipados, dentre outros condicionantes. Por outro lado, essa baixa participação, também é resultante da falta de linhas adequadas e que estejam disponíveis no momento oportuno.

O principal objetivo do crédito rural é a disponibilização de recursos para custeio da produção e comercialização dos produtos agropecuários, além de investimentos. O crédito de custeio destina-se a cobrir despesas normais do ciclo produtivo. O crédito de investimento é destinado a aplicações em bens ou serviços cujo desfrute se estenda por vários períodos de produção.

Diferentemente do que ocorre no Nordeste, o polo apresenta ampla parcela de produtores beneficiados por linhas de financiamento para investimento. Isso ocorre pelo fato de que no Nordeste, a demanda maior por financiamentos corresponde à necessidade de custeio, principalmente os recursos necessários ao preparo de solo, tratos culturais e aquisição de embalagens.

Alguns estudos são relevantes para o entendimento dos fatores de inadimplência relacionados ao crédito rural. Donald (1976), por exemplo, cita problemas climáticos e estruturais, além das anistias governamentais, que não incentivam os agricultores a pagarem suas dívidas.

Como é verificado para o Nordeste, nota-se que, no polo, grande parcela dos produtores participantes do Grupo C apresenta dificuldades para pagar os financiamentos (83,9% e 95,4% respectivamente), diferentemente dos que compõem o Grupo A (28,9% e 34,7% respectivamente).

Relativamente aos índices de inadimplência verificado no polo, esses apresentaram, principalmente no período 2003-2005, uma redução extremamente significativa, resultante da adesão a duas leis – 10.696 e 11.775 - que beneficiam os mini e pequenos produtores tanto na renegociação das dívidas quanto para a opção de liquidação dos débitos.

Recentemente, a partir de setembro/08 o Conselho Deliberativo da SU-DENE, CONDEL, apresentou decreto que possibilita tanto a prorrogação quanto a liquidação de dívidas de produtores de frutas do polo, em função de problemas de comercialização nos mercados externos. Ressalte-se que esses benefícios foram direcionados exclusivamente para o polo.

Essa condição, exclusiva para o polo, permitirá uma melhor condição de produção de frutos e, por conseguinte, espera-se um distanciamento ainda maior do quantitativo de produção do polo em relação às demais áreas estudadas.

No tocante às dificuldades para pagar as dívidas, pode-se observar os resultados da Tabela 6:

**TABELA 6 – Relação das dificuldades apresentadas pelos clientes do Polo para amortização dos financiamentos**

Discriminação	Grupo A		Grupo C	
	Nordeste	Polo	Nordeste	Polo
Falta ou excesso de chuvas	20	4,35	18,18	27,27
Elevação na incidência de novas pragas e doenças	8,57	0	37,37	27,27
Enchentes	2,86	4,35	2,53	18,18
Ventos fortes que destroem parte dos investimentos	8,57	4,35	25,25	0
Comprador não pagou	17,14	8,7	18,69	27,27
Queda nos preços das frutas	62,86	30,43	76,26	63,64
Incompatibilidade com as receitas	11,43	4,35	20,2	36,36
Encargos sociais e fiscais elevados	14,29	17,39	5,05	13,64
Custo elevado do financiamento	14,29	4,35	32,32	22,73
Flutuação cambial	11,43	13,04	2,02	9,09
Dificuldade de penetrar nos mercados mais exigentes	5,71	0	7,07	4,55
Prazo inadequado/dificuldade de renegociação	5,71	0	18,18	31,82
Mercado incipiente	2,86	0	10,1	4,55
Saturação de mercado	17,14	17,39	16,16	22,73
Irregularidade na produção	2,86	0	33,84	18,18
Outras	25,71	4,35	23,74	18,18

Fonte: Pesquisa Autores SANTOS et al., 2007 (BNB - ETENE)

No polo, a crítica quanto às causas da inadimplência é concentrada no fator queda nos preços das frutas, mesmo resultado encontrado para o Nordeste.

No tocante às dificuldades dos fruticultores, é comum ouvir relatos de que o maior problema da fruticultura não está na produção de frutas em si, mas, sobretudo, na comercialização, que, em casos extremos, tem inviabilizado a atividade. Neste sentido, o fomento e modernização da infraestrutura nordestina pela iniciativa privada (*packing-house*, transporte e armazenamento com temperatura controlada) e poder público (rodovias, portos e aeroportos) deverão ser objeto de priorização, para aumentar nossa competitividade no mercado internacional e interno.

Especificamente para a exportação, a oferta de frutas deverá basear-se em estudo de mercado que identifique as particularidades de cada País comprador, a melhor época de exportação, os principais Países produtores e exportadores, a concorrência no mercado de contra-estação, o sistema de preços, as tarifas de importação, as novas tendências na comercialização e na distribuição, os mercados atacadistas e varejistas.

O mercado interno é, e continuará sendo, o principal destino da produção nacional de frutas, o que é natural se considerarmos a demanda da população brasileira, em que pese o consumo per capita ainda seja muito baixo. Ao mercado externo são destinados menos de 3% da produção de frutas frescas, tendo como principais destinos o mercado europeu e norte-americano. Por outro lado, devemos considerar a importância desse segundo mercado, o externo, pelo fato de que é esse canal que efetivamente agrega valor aos produtos e é o principal responsável pela inserção de novas tecnologias aos produtores.

É importante clarificar que as exportações não são constituídas

pelo excedente da produção interna. Ao contrário do que muitos pensam, consegue exportar aquele produtor que tem tecnologia adequada de produção, custos competitivos, qualidade de fruto, variedades adequadas, capital, logística e acesso aos distribuidores, o que, infelizmente, apenas uma pequena parcela dos nossos produtores de frutas consegue atender.

## 5 Conclusões

Por tudo o que foi apresentado, pode-se confirmar que as condições materiais e conceituais dos fruticultores, bem assim a sua integração com os meios agroecológico e socioeconômico apresentam uma associação com os resultados por eles obtidos.

Os integrantes do grupo A contam com uma base material melhor que os do grupo C; praticam mais a irrigação, são médios e grandes produtores, exploram uma área maior com fruticultura e produzem utilizando tecnologia relativamente mais avançada, o que lhes permite uma maior rentabilidade, considerando que obtenham uma maior economia em água e energia, além, evidentemente, dos ganhos de escala.

Acrescente-se, que aqueles do grupo A têm uma maior dotação de conhecimento formal e podem valer-se das suas atividades não-agrícolas para alavancar a fruticultura (com mais conhecimento de mercado e melhor relacionamento com os órgãos públicos) e contam com uma assistência técnica no mínimo mais assídua e qualificada (por ser própria). Explica-se assim a natureza diferente dos problemas que enfrentam se comparados ao grupo C.

Pode-se confirmar, ainda, sobre o grupo A, que os fruticultores mostram-se mais conscientes relativamente a uma produção que respeite o meio ambiente, e apresentam-se mais propensos a atuar sozinhos. Esse aparente isolamento provavelmente se deve às condições materiais e intelectuais superiores do grupo, que

lhes permite buscar a solução para os problemas de fronteira sem recorrer às ações coletivas.

Essa atitude, por outro lado, não contribui para o fortalecimento das entidades associativas que, ao que parece, não conseguem fazer uma diferença positiva para os que as integram. Esses resultados reforçam a importância da dotação de capital físico para uma fruticultura de sucesso, mas destacam a necessidade de uma escala mínima – o que não vem sendo muito observado na ação governamental.

Há que trabalhar ainda o fortalecimento da organização social. As vantagens teóricas da ação coletiva têm sido provadas na prática em outras regiões do Brasil e não há por que não perceber que o Nordeste precisa avançar nesse segmento, diferentemente do cenário atual em que, nesta região, elas estão fadadas ao fracasso.

Destacam ainda que o fortalecimento do “capital humano”, na forma de educação específica (voltada para a produção, a comercialização e a gestão da propriedade) deveria ter tanta importância quanto o capital físico.

Portanto, para fazer com que os produtores classificados no grupo C, com exploração no Polo e na região Nordeste - alcancem o mesmo estágio, ou no mínimo se aproximem ao máximo, daqueles do grupo A (o que não significa, de forma alguma, o atingimento de padrões extraordinários de excelência), as instituições que os apóiam e os próprios produtores têm que buscar uma estratégia mais abrangente, que inclua além dos itens ligados ao capital físico (crédito, infra-estrutura etc.), outros que se liguem ao capital humano (como a capacitação e uma assistência técnica de melhor qualidade e mais assídua) e à organização social (como um melhor assessoramento para atuar no mercado, por intermédio de instituições associativas), por mais trabalhoso e demorado que isso possa parecer.

## 6 Referências

ALVES, M.O. **Conhecendo o público do PRONAF B:** agricultores familiares descapitalizados ou em processo de descapitalização. Fortaleza, 2005.

CARVALHO, O. **A Economia política do Nordeste:** seca, irrigação e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

CARVALHO, O. Sustentação da agricultura irrigada no Nordeste. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 3. 1997, Natal. **Anais...** Natal, 1997. CD-ROM.

CAVALCANTE, E.G. **Geo-economia do semi-árido irrigado:** a experiência de Petrolina, sob o enfoque da sustentabilidade do desenvolvimento. 2. ed. Recife: IPESPE, 1997.

CAVALCANTI, Josefa Salette Barbosa. Frutas para o mercado global. **Estud. av.**, São Paulo, v. 11, n. 29, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141997000100005&lng=en&nrm=i](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100005&lng=en&nrm=i)>. Acesso em: 19 ago. 2008

CHOUDHURY, M. M. Segurança de alimentos. In: WORKSHOP SOBRE GESTÃO DA QUALIDADE MERCADOLÓGICA NO AGRONEGÓCIO DA MANGA. 1., 25 e 26 maio 2004. Petrolina, PE. **Anais...** Petrolina, PE, 2004. p. 8.

CODEVASF, **Atuação da Codevasf impulsiona produção e exportação de frutas** Brasília, três de Março de 2006 Disponível: <[http://www.codevasf.gov.br/acontece\\_na\\_codevasf/2006/acontece\\_06\\_03\\_03](http://www.codevasf.gov.br/acontece_na_codevasf/2006/acontece_06_03_03)> Acesso em: 20 ago. 2008. GTDN. **Uma política de desenvolvimento para o Nordeste.** Rio de Janeiro, 1959.

DONALD, G. **Credit for small farmers in developing Countries.** Colorado: Westview Press, 1976.

FARIAS FILHO, Sergio Maia de. **Análise comparativa dos produtores de frutas do polo Petrolina-Juazeiro** – um paralelo com os fruticultores de toda a área de atuação do BNB. 2009. Dissertação de (Mestrado em Administração) - Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração, Faculdade Boa Viagem, Recife, 2009.

FAYET, L.A. **Virando o jogo com a fruticultura.** Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2008.

LIMA, J.P.R., MIRANDA, E.A.A., Fruticultura irrigada no Vale do São Francisco: Incorporação tecnológica, competitividade e sustentabilidade. **Revista econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.32, n. Especial p. 611-632, nov. 2001.

MARINOZZI, G.; CORREIA, R.C. Dinâmicas da agricultura irrigada do

Polo Juazeiro - BA/Petrolina - PE. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37, 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Brasília: SOBER, 1999. CD-ROM

OLIVEIRA, A.C. et al. **Impactos econômicos da irrigação sobre o Polo Petrolina-Juazeiro.** Recife: Ed. Universitária, 1991.

SAMPAIO, Y.; FERREIRA IRMÃO, J.; GOMES, G.M. **Política agrícola no Nordeste:** intenções e resultados. Brasília, DF: Secretaria de Planejamento, Orçamento e Coodenação, 1994

SANTANA. A. EUREPGAP: The global pre-farm gate standard: fruit and vegetables. In: WORKSHOP SOBRE GESTÃO DA QUALIDADE MERCADOLÓGICA NO AGRONEGÓCIO DA MANGA. 1., 25 e 26 maio 2004, Petrolina, PE. **Anais...** Petrolina, PE, 2004. p. 28.

SANTOS, J. A. N. DOS; SANTOS, M. A.; EVANGELISTA, F. R.; ALVES, M. O.; PIRES, I. J. B. **Desempenho do fruticultor da área de atuação do Banco do Nordeste do Brasil – BNB.** Fortaleza: BNB-ETENE, 2006. (mimeo).

SANTOS, J. A. N. DOS; SANTOS, M. A.; EVANGELISTA, F. R.; ALVES, M. O.; PIRES, I. J. B. **Fruticultura nordestina:** desempenho recente e possibilidades de políticas. Série Documentos do ETENE No. 15. Fortaleza: BNB-ETENE, 2007.



**UNIFACS**  
UNIVERSIDADE SALVADOR

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES®

[www.unifacs.br](http://www.unifacs.br)  
Tel.: (71) 3273-8528

# Mestrados e Doutorados

## MATRÍCULAS ABERTAS